as leis científicas são definidas por uma correlação intrínseca, independentes do sistema de eixos, qualquer que seja o movimento destas.

Caminhamos assim para o absoluto através de uma relativação integral; e êste facto é de uma importância capital. O absoluto é assim definido pela fixidez de uma relação, pela sua constância, pela sua invariância. E' esta invariância que é o absoluto, não a relação. Focamos aqui um dos processos mais subtis — «des plus minces» como dizia Leibnitz — do espírito humano, como sempre que se trata da *relação*. Deixando por agora o que a questão tem de misteriosa, acentuamos o facto acima pôsto em evidência, no qual vemos a filosofia positiva construir o absoluto por uma relativação integral de relações: pode resumir-se a teoria d'Einstein, diz E. Borel dizendo que o conhecimento completo e total das relações de espaço e tempo bastam para a descrição do mundo; a natureza dos fenómenos, e em particular a localização da matéria e da electricidade deduzem-se por fórmulas simples destas relações de espaço e tempo.

*

Três factos principais resultam desta análise: a existência de dificuldades conceituais nas matemáticas, a relação destas dificuldades conceituais com os processos psicológicos originais, e a realização efectiva das matemáticas atravez destas dificuldades, e não obstante a sua existência. As matemáticas são construídas lògicamente sob raízes psicológicas; os seus diferentes ramos desenvolvem-se em complexos diferenciados (geometria, álgebra, etc.) que depois são postos em relação, que forme uma síntese. Êste movimento obriga da tempo a tempo a voltar às raízes psicológicas, ao mesmo tempo que se verifica no campo lógico; daí o duplo movimento das axiomáticas e da introspecção psicológica, e as correntes idealista e intuïcionista. O desenvolvimento em ramos, geométrico, algébrico, análise, etc., tem a sua origem primordial em processos psicológicos fundamentais, que lhes servem de base. A conclusão estabelecida pelas grandes sínteses, não reduzem a irreductibllidade fundamental dos processos psicológicos, como ponto e número; a redução é tentada então por vias lógicas. Além disso o processo tautológico parece combinar-se com um enriquecimento progressivo cujas origens são psicológicas. Assim o cálculo diferencial e integral nasce num dado momento a partir de experiências empíricas e de raízes psicológicas; depois desenvolve-se afastando-se cada vez mais destas origens. A cópula do processo psicológico da repetição infinda, do fluxo infindo, com a de função, gera as origens do cálculo infinitesimal e integral; depois o cálculo infinitesimal choca-se com o descontínuo: — talvez porque, como diz Poincaré, entre o contínuo e o descontínuo existe um conflito humano: o que é dar ao conflito um condicionalismo psicológico. A mesma coisa sucede, ao fim de certos desenvolvimentos, entre o lógico e o intuïtivo; a intuïção não pode acompanhar o desenvolvimento tautológico.

Tudo isto tem o valor de uma experiência intelectual, cujos ensinamentos devem ser arquivados. Esta experiência fornece-nos algumas indicações úteis sôbre os processos gerais do pensamento, e permitem-nos observar o que sucede na construção da Metafísica. Êste facto parece-nos importante porque põe assim em contraste duas formas capitais das construções históricas do conjunto humano: a matemática e a metafísica.

A história da Metafísica tem o valor de uma experiência que nos mostra a impotência e a esterilidade dos seus esforços; esta experiência deve conjugar-se com a análise dos seus processos psicológicos constitutivos. A experiência histórica põe em evidência o facto *impotência;* o condicionalismo geral psicológico da Metafísica deve conter a causa dêste facto.